



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

Ensino-aprendizagem do Jornalismo: o significado da atividade pedagógica para professores de disciplinas de produção noticiosa¹

Gibran Luis Lachowski²

Resumo

Este artigo apresenta um projeto de pesquisa voltado à investigação sobre o processo de ensino-aprendizagem do Jornalismo desenvolvido em cursos situados em universidades públicas de Mato Grosso. Busca-se, primordialmente, saber qual o significado da atividade pedagógica para os professores que ministram disciplinas iniciais de produção de notícias. Parte-se do princípio de que a atividade pedagógica é uma instância capaz de conectar o conteúdo à aprendizagem do estudante e que as primeiras matérias aplicadas ao jornalismo são fundamentais para uma formação que leve em conta a centralidade do interesse público na profissão. A pesquisa encerrou etapa inicial de levantamento bibliográfico nas áreas de Educação, Jornalismo e Ensino-aprendizagem do Jornalismo. Agora parte para a fase de coleta de dados, por meio de entrevistas com base em questionário semiestruturado e interpretação via Análise de Conteúdo.

Palavras-chave: Jornalismo; Ensino-aprendizagem do Jornalismo; Atividade pedagógica; Jornalismo de perspectiva social; Interesse público.

1. Linhas gerais

Este trabalho tem a intenção de apresentar um projeto de pesquisa que se insere no contexto da formação universitária, intitulado “Uma primeira investigação sobre o ensino-aprendizagem do Jornalismo em Mato Grosso: as atividades pedagógicas

¹ Trabalho apresentado na modalidade Comunicação Científica, no Grupo de Trabalho Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino, do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º ENPJ.

² Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)/*campus* Alto Araguaia. Mestre em Estudos de Linguagem, graduado em Comunicação Social (Jornalismo). Membro do Observatório da Ética Jornalística em Mato Grosso “Boca da Mídia”. Diretor da Associação dos Docentes da Unemat (Adunemat)/subseção Alto Araguaia e integrante das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). E-mail: prof.gibranluis@gmail.com .

desenvolvidas por professores de disciplinas relativas à produção de notícias”³. Conduzido a partir do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)/campus de Alto Araguaia, o levantamento busca uma intersecção entre Jornalismo e Educação.

Situa-se nas áreas/linhas “Ensino do Jornalismo” e “Jornalismo e Editoração”, conforme homologação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Conepe) da instituição. Tramita no Grupo de Pesquisa *On-line* (GPO) da Unemat, tendo passado por parecerista *ad hoc*, pelos colegiados de Faculdade e Regional do *campus*, pela Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG) e esperando parecer do Conepe. A demora na tramitação do projeto e a ocorrência da greve dos servidores da Unemat em defesa da Reposição Geral Anual (RGA), de 31 de maio a 07 de agosto, alteraram o calendário acadêmico⁴ e, por conseguinte, o andamento da investigação. *A priori*, a pesquisa vai transcorrer até fevereiro de 2017, podendo ser renovada por mais um ano.

O estudo tem o objetivo geral de corroborar com a compreensão de que os professores de Jornalismo, bacharéis por formação, precisam refletir acerca da própria atuação docente, enxergando na atividade pedagógica um elemento impulsionador deste debate, conectado à educação enquanto prática social e ao conhecimento como produção histórica. Já os objetivos específicos destinam-se a: conhecer as trajetórias dos profissionais responsáveis pelas disciplinas a serem listadas no projeto; descobrir quais são suas concepções sobre ensino-aprendizagem do Jornalismo; levantar as atividades pedagógicas desenvolvidas por eles; caracterizá-las, considerando, entre outros critérios, as motivações que geraram suas proposições; e identificar aquelas que potencializam e dinamizam as aulas, na perspectiva de uma aprendizagem ativa.

Justifica-se a relevância da pesquisa pelo fato de colocar em pauta a percepção humanística da educação e da formação de profissionais da área do Jornalismo. Destaca-se o legado que a iniciativa vai deixar e que servirá de referencial para outras investigações acadêmicas, contribuindo com a reflexão sobre a docência, instância ainda pouco abordada nas pesquisas em Jornalismo. Assim, procura-se ampliar a possibilidade da discussão quanto ao papel social do jornalista no contexto do século XXI, permeado pela convergência digital, pela potencialização de múltiplos protagonismos e narrativas.

³ Disponível em: <http://gpo.unemat.br/Modulo/?page=Pp/Tramite/adm-visualizar_tr0&fxtr=ul&fxpp=0ytUY>. Acesso em: 28 ago. 2016.

⁴ Disponível em: <http://www.unemat.br/resolucoes/resolucoes/conepe/3451_res_conepe_5_2016.pdf>. Acesso: 09 set. 2016.

O estudo também concerne a um passo adiante em minha investigação científica acerca do ensino-aprendizagem do Jornalismo, iniciada em 2012, que faz interlocução com uma proposta humanística, pautada no interesse público da profissão, na valorização da pauta local e no resgate da apuração da informação em campo (“na rua”). Entre os materiais veiculados estão: uma experiência referente à assessoria de comunicação para um movimento popular (ensino e crítica social)⁵; uma dinâmica centrada na relação acusação-comprovação no exercício ético do jornalismo (critérios para publicação de denúncia)⁶; e uma proposição pedagógica de estímulo à cidadania aplicada ao ambiente local⁷. Acrescente-se a apresentação de algumas atividades pedagógicas desenvolvidas para ressaltar importantes aspectos da formação jornalística, como o “Laboratório de sentidos” (sensibilidade e humanização)⁸ e o “Diário de repórter” (incentivo à proatividade do estudante)⁹.

Esses trabalhos fundamentam-se na educação dialógica, cristalizada por Paulo Freire, e no jornalismo de perspectiva social, referido e conceituado por vários empiristas e estudiosos da área, como Alberto Dines, Audálio Dantas, Dirceu Lopes, Eliane Brum, Eduardo Meditsch, Enio Moraes Júnior, Leandro Fortes, Manuel Chaparro, Nilson Lage e Ricardo Kotscho.

A pesquisa mencionada no artigo em tela cumpriu uma primeira etapa de levantamento bibliográfico, para situar suas bases teóricas. Também se aproximou da amostra das disciplinas que serve de referência para o desenvolvimento do trabalho de campo, totalizando seis delas e o mesmo número de docentes, em duas universidades, quais sejam, a Unemat/*campus* de Alto Araguaia e a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)/*campi* de Cuiabá e de Barra do Garças (também chamado *campus* Araguaia). Concentra-se, agora, na elaboração de um questionário para as entrevistas com os professores das matérias escolhidas. Os passos seguintes serão a coleta de dados, sua transcrição, descrição e análise para composição de relatório final, assim como de textos científicos para publicação.

⁵ Disponível: <<https://hetec.wordpress.com/antecedentes-2/artigos/238-2/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

⁶ Disponível: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewabstract.php?id=838&cf=24>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

⁷ Disponível: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/13/pdf/EC13-2013Junho-12.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

⁸ Disponível: <<http://revistas.usp.br/alterjor/article/view/88279/91157>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

⁹ O resumo expandido que subsidiou o pôster apresentado no XVIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe) ainda não foi lançado no *site* do evento, porém seu registro pode ser confirmado. Disponível: <<http://www.ufmt.br/endipe2016/posteres-2508/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

2. Jornalismo e Educação

O universo jornalístico compreende um inventário de mais de 550 anos, se tomarmos sua “origem” a partir da invenção da prensa por Gutenberg, em 1450. Na historicização problematizadora de Lage (2005), essa trajetória passou pelas primeiras folhas volantes, na França, chegou a ter *status* de ciência na Alemanha e foi veículo do publicismo (com os famosos artigos de fundo). Dividiu-se em dois ramos, um, europeu, voltado à informação com opinião (interpretação), e outro, estadunidense, caracterizado pela divisão entre informação, interpretação e opinião (com prevalência da primeira). Irradiou modelos para o restante do mundo e assumiu diversas vertentes, da oligopólica (notícia-mercadoria) à anti-hegemônica (ferramenta de transformação social).

Portanto, durante esse período houve formulação de teorias, ideários que sustentam a relação da profissão com a sociedade, histórico de constituição dos campos profissional e acadêmico, conjunto de técnicas, procedimentos e rotinas produtivas, perfazendo uma vasta e complexa área de atuação. Nesse contexto é que se constituiu a perspectiva social do jornalismo, que se assenta em uma ampla literatura, que a concebe como forma social de conhecimento voltada a informar a sociedade a fim de fornecer-lhe condições ao exercício do senso crítico (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004). Para que isso ocorra, pressupõem os autores, compreende-se que:

a principal finalidade dos jornalistas é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar. [...] A imprensa (como sinônimo de jornalismo) nos ajuda a definir nossas comunidades, nos ajuda a criar uma linguagem e conhecimentos comuns com base na realidade. O jornalismo também ajuda a identificar os objetivos da comunidade, seus heróis e vilões. [...] A imprensa funciona como um guardião, tira as pessoas da letargia e oferece uma voz aos esquecidos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 31).

Meditich corrobora com esse pensamento (2012), destacando que o acesso a informações confiáveis é requisito importante para que as pessoas tenham uma atuação cidadã nos campos social, político e econômico. Afinal, na definição do autor (2012, p. 21), “O Jornalismo é um meio de conhecimento social, pela divulgação da informação atempada da atualidade, através da descrição da singularidade dos acontecimentos que a constituem e a sua exposição ao público em tempo hábil para sua utilização”. Essa visão qualifica a notícia, símbolo do resultado do trabalho jornalístico, prioritariamente como bem social e não mera mercadoria.

Nessa esteira, o jornalismo pode ser encarado enquanto construção social e não espelho da realidade, e o jornalista, alguém que intervém na sociedade, longe do mito daquele profissional que paira sobre ela protegido pela imparcialidade. Pois a busca pela verdade factual é o fio condutor de um processo permeado pela subjetividade do autor, sua história de vida, pela linha editorial do veículo para o qual atua, pelo contexto sócio-histórico, pelas condições de trabalho (que vão da qualidade do equipamento disponível na empresa à censura prévia), pela interpenetração dos campos sociais, entre outros elementos desta intrincada teia de interesses múltiplos. Por isso assevera Vizeu (2002, p. 119), tomando a discussão a partir do estudo do discurso voltado ao uso concreto da linguagem, que

[...] fica difícil pensar o jornalismo como uma mera reprodução do real. Como podemos ver são tantos os “discursos” – não cometeríamos uma heresia se disséssemos que são infinitos – que atravessam o campo jornalístico, são tantas as tensões, as “vozes”, as práticas discursivas, que reduzi-lo a uma simples técnica, ao simples acionamento de regras “mecânicas” seria perder sua própria dimensão, seu próprio objeto.

Essa concepção permite ao jornalista inclusive tomar partido, o que ocorre em diversos níveis de medida, do fundamentado na verdade factual ao panfletário, sendo Kotscho um ícone da percepção social do jornalismo no Brasil, sobremaneira porque desenvolveu esta perspectiva na maioria dos seus mais de 50 anos de carreira na mídia tradicional, maior difusora do falacioso discurso da imparcialidade. Valeu-se do contexto sócio-histórico do país, principalmente em uma “Folha de São Paulo” que tentava se firmar como jornal da democracia em meio à ditadura, mas também em outros tempos, publicações e plataformas, até os dias de hoje, mais restrito a comentários políticos na TV e na *internet*¹⁰.

Autor de um jornalismo de reportagens, dado a ressaltar os anônimos da sociedade, encontrando noticiabilidade em suas opiniões, posturas e histórias de vida, Kotscho há décadas defende e procura exercitar o compromisso social por meio do seu trabalho. Em reconhecida obra direcionada a estudantes de Jornalismo, no capítulo de abertura, intitulado “Opção de vida”, discorre:

Pode-se fazer uma reportagem de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração de quem escreve, desde que essa pessoa seja honesta, tenha caráter, princípios. Não, não estou falando da tal “objetividade

¹⁰ Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/ricardo-kotscho/>>. Acesso em: 10. set. 2016.

jornalística”, da “neutralidade” do repórter, essas bobagens que inventaram para domesticar os profissionais que não se dobram aos poderosos de plantão, porque têm um compromisso maior com seu tempo e sua gente. Esse compromisso é que tem de nortear sempre o nosso trabalho – o resto a gente vai aprendendo com o tempo. O leitor tem o direito de saber o que pensa, de que lado está quem lhe escreve – é uma informação a mais para que ele possa tirar suas próprias conclusões (KOTSCHO, 1995, p. 8).

Essa percepção do jornalismo coaduna com a educação de matriz dialógica, que a compreende tal qual uma prática social, com fundamentos e intencionalidades, assim como a relação entre professor e estudante enquanto processo mediado e perpassado pelo mundo. Não há neutralidade no ato de ensinar. A própria declaração de não envolvimento quanto a um determinado assunto expressa uma posição acerca dele, qual seja, a de distanciamento. Pode significar também tentativa de silenciar vozes discordantes ou de inibir sua centralidade. Da mesma forma, a ostensiva defesa de uma ideia sem sólida argumentação, a partir de frases feitas, carrega o perigo de se fazer autoritária. Pois a educação corresponde a um meio de intervir no mundo, com exercício consciente de decisões e posturas. Como expõe Freire,

Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutiva nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. [...] Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda (FREIRE, 1996, p. 98; 102).

A “posição a favor”, se pautada pelo diálogo, pela percepção dos múltiplos saberes em diversos circuitos educacionais e pelas trocas simbólicas, reconhece a aliança que deve existir entre ensinar e aprender, compondo uma “do-discência” e estimulando a travessia da curiosidade ingênua para a crítica, efetuando o “ciclo gnosiológico” (FREIRE, 1996, p. 28).

Depreende-se, então, que o pedagógico existe ao passo que se estabelece a relação entre os sujeitos na educação, sendo assim uma construção coletiva e não algo existente *a priori*. Complementa Fernandes (1998, p. 98), discorrendo sobre o planejamento, a proatividade e a contínua retroalimentação quanto ao intercâmbio reflexivo entre teoria e prática, posto que a prática pedagógica é uma prática intencional de ensino e aprendizagem, não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar, mas

articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma.

Pelo que se vê, é de suma importância atentar-se para a prática pedagógica do professor, o que pode fornecer significativos sinais sobre em que medida o profissional reflete acerca de sua atuação. Essa discussão aponta para a compreensão de que o professor no ensino superior “[...] como o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica que não se restringe a ter um diploma de bacharel, ou mesmo mestre ou doutor, ou ainda apenas o exercício de uma profissão” (MASETTO, 2003, p. 13).

Nesse sentido, deve-se levar em consideração que ser professor subentende uma prática social, e que conecta o estatuto da profissão com a instância da educação. Daí a necessidade de saber como a atuação docente se relaciona com práticas repetitivas e acríticas – dicotomia entre teoria e prática – e com reflexivas e críticas – que concebem as dimensões separadas, mas não opostas (VEIGA, 2008, p. 16-18).

Dando mais um ponto na costura, Masetto (2001) desce ao termo atividade pedagógica, mencionando que a mesma deve caracterizar-se em associação ao conceito ampliado de aula universitária, que requer um papel mais ativo do estudante e uma postura dialogal do professor, a fim de que o processo de ensino-aprendizagem seja propício para a construção coletiva do conhecimento. Nesse aspecto, a proposição de novas situações de aprendizagem pode corroborar na tentativa de transformar conteúdo em conhecimento.

O autor classifica as atividades pedagógicas em individuais e coletivas, várias delas – observa-se – passíveis de interlocução com disciplinas relativas à produção de notícias nos cursos de Jornalismo. Exemplos da primeira categoria: levantamento de informações, redação de textos, estágios, visitas a campos de trabalho, estudos de caso e entrevistas. Algumas das atividades coletivas sugeridas: solucionar casos, fazer excursões, desenvolver grupos de oposição, realizar seminários e painéis integrados.

Atividades pedagógicas dessa matriz de pensamento distanciam-se da prática reprodutiva de conteúdos e da concepção de educação como formadora de mão-de-obra para o mercado. Levam em conta uma aprendizagem ativa e suscitam uma “autonomia na colaboração; inexistência de regras fixas e impostas (presença de negociação); dinâmica do ambiente flexível, no sentido de possíveis reorganizações; relações

horizontais, fundamentadas na ideia de respeito mútuo de moral autônoma” (CARÊS; TENTOR, 2004, p. 21-22).

No entanto, a variedade e o teor democrático das situações de aprendizagem não garantem a travessia do conteúdo ao conhecimento. Como sublinha Franco (2012, p. 150), referindo-se ao processo pedagógico na escola, todavia possível de aplicação também na universidade, o que existe por parte do professor é uma tentativa de efetivação de aprendizagem, pois

[...] na lógica da Didática, parece haver uma dissonância básica: o ensino só se concretiza nas aprendizagens que produz! E sabe-se que as aprendizagens, bem estudadas pelos pedagogos cognitivistas, em sentido amplo decorrem de sínteses interpretativas realizadas nas relações dialéticas do sujeito com seu meio. Não são imediatas nem previsíveis, mas ocorrem por interpretação do sujeito aos sentidos criados, às circunstâncias atuais e antigas; em suma, não há correlação direta entre ensino e aprendizagem. Quase que se pode dizer que as aprendizagens ocorrem sempre para além ou para além do planejado; ocorrem nos caminhos tortuosos, lentos, dinâmicos das trajetórias dos sujeitos.

Entretanto, mesmo que a aprendizagem não seja uma garantia do esforço docente, vale a pena investir na pesquisa sobre a relação entre a prática pedagógica do professor e as atividades pedagógicas promovidas por ele. Em primeiro lugar, porque a atividade pedagógica é um recurso educativo que, geralmente, objetiva superar uma defasagem de aprendizagem, apresentar ou reforçar um conteúdo. Nesse sentido, volta-se para a forma como efetivar o intento, não centrando a ação no conteúdo nem no ideário de educação ou da área de estudo ensinada.

Em segundo lugar, por trazer juntas a prática pedagógica e a visão de educação que a sustentam, mostrando que as dimensões se interligam. Além disso, dedicar-se a investigar as atividades pedagógicas, se não assegura a aprendizagem, ao menos contribui para fornecer pistas de como empreender uma educação mais contextualizada e participativa, pautada nas relações (professor e estudante, conteúdo e realidade concreta, metodologia e ideário de educação etc).

3. Ensino-aprendizagem do Jornalismo

Este apanhado dá base para adentrar o universo do ensino-aprendizagem do Jornalismo no Brasil, permeado por historicidade, discussões conceituais e disputa de

ideários de sociedade. Mergulha-se, desse modo, em um trajeto que comporta oscilações que vão do desapego à realidade concreta ao instrumentalismo das técnicas jornalísticas, da ampla e vaga habilitação de comunicador social à mera reprodução de padrões mercadológicos, da submissão ao modelo colonizador estadunidense à demasia ideológica na análise dos meios midiáticos.

A fase inicial foi de 1946 a 1960, com os primeiros cursos, de inspirações pedagógicas europeias e estadunidenses. A seguinte, de 1961 a 1969, com a implantação do Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina (Ciespal). E a terceira, até os dias de hoje, marcada pela regulamentação – e deslegitimação jurídica posterior, em 2009, pelo Supremo Tribunal Federal (STF) –, assim como pela procura dos cursos por caminhos adequados à realidade brasileira. (LOPES, 2013, p. 298).

Alguns marcos pedagógicos merecem destaque nesse período. Um deles é o primeiro curso de Jornalismo do país, da Cáster Líbero, em São Paulo, criado em 1947 sob os auspícios de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que obteve autonomia em 1958, tornando-se mais aplicada, com treinamentos, cursos de extensão e jornal-laboratório. Outro se relaciona à prática pedagógica do jornalista Luiz Beltrão no início dos anos 1960, na Universidade Católica de Pernambuco, em que defendia a formação de profissionais capazes de avaliar criteriosamente o material veiculado pela imprensa e, ao mesmo tempo, promover inovações estéticas e editoriais. Destaque também para um movimento acadêmico com ápice nos anos 1980 que enxergou nos jornais-laboratório a síntese possível de um ensino-aprendizagem capaz de exercitar a *práxis* jornalística junto aos universitários. (LOPES, 2013, p. 299-303).

Na atualidade, muitas atividades estão calcadas, sobretudo, na dinâmica da convergência digital, com *hiperlinks*, multimídia e interatividade virtual, na dimensão jornalismo-jogo, podendo ser expressas em portais, *sites*, *blogs*, redes sociais e aplicativos criados em ambiente acadêmico ou já de uso comum. Porém a disposição dos mecanismos tecnológicos em si não garante inovação estética e/ou de conteúdo e nem assegura leitura crítica da realidade.

É nesse trajeto histórico que ocorre a perda do elo entre teoria e prática no ensino e na pesquisa de Comunicação, como já ressaltava Meditsch em dissertação apresentada em 1990 na USP. A preocupação em estabelecer essa liga continua, no entanto, há anos, a partir do esforço para consolidar o Jornalismo como um campo de conhecimento, não mais um dos ramos da tradição dos comunicólogos. Uma das

atitudes nessa direção foi a sua participação no processo de pesquisa, debate e redação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Jornalismo, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), instância ligada ao Ministério da Educação (MEC) em 2013. A resolução que as criou estabelece que sejam implantadas em todo o país até setembro deste ano, conforme estabelece o artigo 17. (BRASIL, 2013, p. 8).

Compreende-se que o documento, que reorienta o funcionamento das graduações na área, sintetiza no artigo 2º as balizas para um processo de ensino-aprendizagem pautado na perspectiva social da profissão e na função social da universidade:

- I - ter como eixo de desenvolvimento curricular as necessidades de informação e de expressão dialógica dos indivíduos e da sociedade;
- II - utilizar metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno na construção do conhecimento e a integração entre os conteúdos, além de estimular a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, propiciando suas articulações com diferentes segmentos da sociedade;
- III - promover a integração teoria/prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular;
- IV - inserir precocemente o aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional;
- V - utilizar diferentes cenários de ensino-aprendizagem, permitindo assim ao aluno conhecer e vivenciar situações variadas em equipes multiprofissionais;
- VI - propiciar a interação permanente do aluno com fontes, profissionais e públicos do jornalismo, desde o início de sua formação, estimulando, desse modo, o aluno a lidar com problemas reais, assumindo responsabilidades crescentes, compatíveis com seu grau de autonomia. (BRASIL, 2013, p. 1).

As diretrizes levam em consideração as características marcantes do cenário contemporâneo e suas diversas nuances. Ainda que a categoria econômica permaneça determinante nas análises quanto à realidade concreta, há mais de meio século outras dimensões vêm ascendendo à condição de elementos reconhecidos na estruturação da vida em sociedade, como o gênero, a etnia, a raça, a faixa-etária, a orientação sexual e a percepção holística do meio ambiente (HALL, 2000).

Da mesma forma, as relações sociais na sua mais larga amplitude (pessoal, familiar, trabalho, lazer, estudo etc) têm sofrido alterações por causa da centralidade assumida pela tecnologia, via *internet*, chegando a 3,2 bilhões de usuários no mundo entre os 7,2 bilhões de habitantes, conforme relatório da União Internacional de Telecomunicações (UIT), divulgado em maio de 2015. A entidade também apontou que

existem mais de sete bilhões de celulares¹¹. Esse contexto reconfigurou e/ou ampliou conceitos de existência, participação, convivência, diálogo, o que remete ao ciberespaço, à cibercultura, à ciberdemocracia, à autoralidade e à atitude do receptor, que também, agora, é tido por produtor de conteúdo e se autointitula como tal (LEVY, 1999). Mais recentemente, uma espécie de onipresença da tecnologia via convergência digital potencializou a virtualidade nos mais diversos setores da realidade (JENKINS, 2008).

É dentro dessa complexa realidade que os cursos de Jornalismo estão inseridos e a partir da qual são cotidianamente desafiados a formar futuros profissionais, para atuar em redações, assessorias, órgãos públicos, empresas, ongs, movimentos sociais, associações, além da academia, como professores e pesquisadores. Isso tem em vista, de um lado, o sistemático ativismo virtual e a perda de força do modelo prevalente dos oligopólios da comunicação, e de outro, a deturpação dos conceitos de democracia em nome da proliferação de vozes autoritárias e da banalização do conhecimento profissional, incluindo o que caracteriza a identidade do jornalista.

É necessário compreender esse cenário e trabalhar com suas potencialidades. Dentro de uma perspectiva de um ensino-aprendizagem crítico-reflexiva fundada na *práxis*, Meditsch (2012) qualifica como prejuízo haver inúmeros cursos de Jornalismo ainda bastante focados no ataque à mídia mercadológica sem, porém, propor alternativas, desperdiçando o potencial tecnológico e de acesso à recepção e produção de informação na atualidade. Assim reforça a importância de o jornalismo exercer o seu papel fundamental:

Para uma ciência aplicada como a nossa, é o momento de estar em evidência e de dizer a que veio, cumprindo plenamente a sua função social não apenas em relação às necessidades das empresas, mas também do setor público, do terceiro setor e dos movimentos sociais, ou seja, da Sociedade como um todo. Afinal, um outro Jornalismo é possível como nunca foi antes (MEDITSCH, 2012, p. 22).

Em sua tese de doutorado, já em meio à marcante presença da tecnologia *on-line* nas relações sociais e nas alterações que isto tem gerado no jornalismo, Moraes Júnior

¹¹ Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/05/uit-diz-que-numero-de-celulares-no-mundo-passou-dos-7-bilhoes-em-2015>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

(2011) reforça a perspectiva social da profissão, centrando atenção no ensino-aprendizagem do interesse público. A partir de entrevistas com 25 docentes de cursos de Jornalismo do Brasil e de Portugal o pesquisador buscou saber que conteúdos deveriam ser ensinados e por meio de que didática para se garantir esse tipo de formação. No geral, as respostas indicaram que o interesse público e a cidadania são temas essenciais ao jornalismo e, portanto, devem ser tratados durante todo o curso e a partir de inúmeras disciplinas, sendo esta perspectiva ligada a uma dimensão maior, referente à formação de profissionais de desenvolvimento humano.

Das entrevistas o pesquisador deduziu 21 elementos componentes de uma pedagogia voltada à formação desejada. São nove entre os concernentes ao conteúdo, como Ciências Sociais e Humanas, ética aplicada ao jornalismo, linguagem jornalística, convergência midiática e pensamento lógico. Alguns exemplos em meio aos 12 pertinentes à didática: colaboratividade no processo jornalístico, articulação do ensino da teoria com o da prática, formação continuada, competências docentes complementares, alteridade, contextualização da formação e convergência e visibilidade da produção laboratorial. Os 21 elementos integram uma pedagogia que persegue os seguintes objetivos:

1. Formar o aluno para uma visão crítica das contradições da sociedade em que atua;
2. Possibilitar ao estudante estabelecer um compromisso ético e humanístico com os cidadãos dessa mesma sociedade;
3. Incentivar no aluno versatilidade de conhecimentos humanísticos e específicos da Comunicação e do Jornalismo, de modo a lhe permitir autonomia na articulação de uma atuação política e profissional comprometida com o interesse público. (MORAES JÚNIOR, 2011, p. 267).

Depreende-se, portanto, que a formação de interesse público para graduandos em Jornalismo é necessária e faz parte de um esforço coletivo para a construção de um ambiente mais democrático, justo, plural e participativo. Nesse sentido, mostra-se contemporânea na medida em que parte da realidade concreta, leva em conta o estágio tecnológico vivenciado, o respeito aos princípios da profissão, os projetos de sociedade em disputa e a complexa relação com o campo da Educação.

4. Procedimentos metodológicos

Lastreado por essa base conceitual, o projeto de pesquisa em tela intenta saber quem são os docentes em Mato Grosso responsáveis pelas disciplinas obrigatórias iniciais de produção de notícia, o que pensam do ensino-aprendizagem do Jornalismo e como desenvolvem suas aulas. Definiu-se entrevistar apenas professores de universidades públicas. O recorte garante maior possibilidade de dar conta do desenvolvimento da investigação e se sustenta no entendimento de que o universo escolhido é mais afeito ao estudo e ao debate relativo à formação acadêmica, por sua própria natureza científica e institucional.

Tal discussão se fundamenta na função social da universidade expressa na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), 9394/1996. O artigo 43, capítulo IV, postula entre as finalidades da instituição: a formação de pessoas para atuar profissionalmente em diferentes áreas a partir da produção e difusão de conhecimento cultural, científico, técnico, tecnológico, via saber especializado e pensamento reflexivo, com foco no conhecimento dos problemas atuais e no desenvolvimento do entendimento do ser humano e do meio em que vive, buscando relação de reciprocidade com a comunidade. (BRASIL, 1996, p. 14-15).

Nesse sentido é que se apresenta rapidamente os três cursos envolvidos na pesquisa, a começar pelo de Comunicação Social da UFMT/Cuiabá, cuja ideia surgiu em 1983 por meio de uma proposta feita pelo Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso. Formou-se um grupo de trabalho para estudar o assunto e em 1990 a demanda foi viabilizada por meio da Resolução nº 141 do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Mato Grosso, para dar conta da expansão do mercado de trabalho do jornalismo, radialismo e publicidade e propaganda. Em 1991 ocorreu o primeiro vestibular, destinado a 15 vagas semestrais por habilitação. O reconhecimento se deu em 1998 pelo parecer da Câmara de Educação Superior/Conselho Nacional de Educação, vinculado ao Ministério da Educação, e somente nos anos 2000, por pressão dos estudantes, o curso teve maior investimento em equipamentos e laboratórios. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, 2009, p. 8).

O curso foi importante na qualificação profissional mato-grossense, pois marcou o início da capacitação em nível superior na área de Comunicação, que funcionava a partir do autodidatismo e da importação de trabalhadores do Sul, Sudeste e Nordeste. Houve incremento de visão crítica e bagagem científica, impactando no perfil de trabalho. Isso também foi sentido em municípios do interior, para onde muitos formados se deslocaram. A criação do curso incentivou, ainda, a abertura de outras

unidades de ensino e contribuiu com a ocupação de espaços na academia para o posto de docente. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, 2009, p. 10-11).

O curso de Comunicação Social da UFMT/Araguaia (habilitação Jornalismo) surgiu em 2009, criado dentro do programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), e se assenta no *campus* II da instituição, em Barra do Garças (58,6 mil hab.). Conta com auditório, biblioteca, salas de aula e de informática e desde 2009 possui uma Agência de Jornalismo. O curso levou em consideração a formação de profissionais para atuar no interior, tendo em vista a distância das capitais (Cuiabá, a 500 km, e Goiânia, a 400 km), conforme dados contidos no *site* da instituição¹².

Uma das características da região é seu potencial turístico, em razão das “praias de água doce”, serras com cachoeiras, águas termais e da mística ligada às suas formações rochosas, fazendo acorrer ao local considerável contingente de curiosos e estudiosos. A presença constante dos índios xavante na cidade e enquanto grupo social com forte pressão sobre as autoridades também aponta para uma formação universitária pautada pela diversidade cultural. Apesar de partir da concepção do curso de Comunicação da UFMT/Cuiabá, o do *campus* Araguaia tem outra matriz curricular, antecipando disciplinas aplicadas ao jornalismo.

A trajetória do hoje Bacharelado em Jornalismo da Unemat/Alto Araguaia começou em 2001, com emissão de parecer recomendatório do Conselho Nacional de Educação pela aprovação da diretriz do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo. O processo teve aceite dos conselhos superiores da universidade e homologação em 2005, com aulas iniciando em 2006 (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, 2014, p. 3).

Apesar da pequena população do município (17,8 mil hab.¹³), o curso registrou concorrência acima de duas pessoas por vaga até 2009/1. A oferta de vagas é de 40 por semestre. O curso atendeu prioritariamente moradores de Alto Araguaia e municípios próximos. Nessa etapa foi capaz de criar um campo profissional e qualificar o desempenho da mídia local, assim como inaugurar prolífico desempenho na iniciação científica, com a conquista de 49 prêmios até este ano em edições regionais do Intercom. Foi reconhecido em 2009 pelo Conselho Estadual de Educação, que aprovou

¹² Disponível em: <<http://araguaia.ufmt.br/?pg=graduacao&id=5#2>>. Acesso em: 09 set. 2016.

¹³ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510030&search=mato-grosso|alto-araguaia>>. Acesso em: 09. set. 2016.

relatório avaliativo apontando diversas limitações e deficiências. Conseguiu em 2013 renovação por três anos mediante migração para local que garantisse maior demanda de estudantes e de campo de estágio.

A baixa demanda, alta evasão e solicitação da comunidade por outros cursos deflagrou discussão sobre transferência dos três cursos do *campus* (incluindo as Licenciaturas em Letras e Computação) para Rondonópolis, a 200 km, com a criação de um núcleo pedagógico da Unemat, posição refutada por quem defendia o fortalecimento da unidade local. No caso de Comunicação, um agravante: existe apenas em Alto Araguaia. No segundo semestre de 2013 a Unemat realizou concurso e o curso passou a 14 docentes concursados. Em 2014 fez-se reformulação da matriz para contemplar as diretrizes nacionais. O debate sobre a migração avançou neste ano 2016, instituindo-se uma comissão de transição¹⁴ para o *campus* de Tangará da Serra (96,9 mil hab. e maior quantia de veículos de comunicação), cujo relatório aguarda análise e votação do Conselho Superior Universitário (SILVA; MARQUES; OLIVEIRA; 2016, p. 17).

Feito o breve histórico, segue-se a explicar que se optou pelas disciplinas ligadas à produção noticiosa por sintetizarem o trabalho jornalístico profissional, compreendidas de modo geral pelo circuito pauta-apuração-redação/produção-veiculação-repercussão/retroalimentação. E se definiu as iniciais dessa tipologia com o intuito de captar de que maneiras os docentes conduzem o desafiante processo educacional junto a estudantes que estão sendo apresentados ao fazer periodístico e, parcela deles, dependendo do tipo da organização curricular, ainda vivenciando o contato primário com a conceituação da área. Essas matérias estão inseridas nos primeiros semestres, não envolvem elementos específicos mais aprofundados (como a reportagem) e dizem respeito prioritariamente à redação jornalística, vez que a introdução ao exercício profissional costuma ser efetuado pela escrita.

A partir da consulta aos planos pedagógicos dos cursos chegou-se às disciplinas pertinentes ao perfil procurado. Na Unemat, “Técnicas de Redação Jornalística” (2º semestre) e “Redação, Reportagem e Entrevista I (3º)”, que apesar do nome não trabalha com a dimensão do jornalismo interpretativo. Assinala-se que a matriz curricular está sob análise do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e o ementário deverá passar por mudanças. Na UFMT/Cuiabá, “Redação Jornalística (4º)” e “Gêneros do Jornalismo (5º)”. Nesse curso as disciplinas relativas à redação são ministradas a partir da metade

¹⁴ A comissão foi criada pela Portaria 626/2016. Disponível em: <http://www.unemat.br/portarias/portarias/9493_626_2016.pdf>. Acesso em: 09. set. 2016.

do currículo. Na UFMT/Araguaia, “Produção de Notícias (3º)” e “Redação Jornalística I (4º)”.

Conforme os documentos consultados, as disciplinas selecionadas expõem a lógica e a linguagem da notícia, bem como trabalham com a elaboração de pautas, apuração e redação de textos noticiosos. “Produção de Notícias”, apesar do nome, vislumbra principalmente a conceituação, conforme diz a ementa: “[...] Acontecimento e notícia. Características da linguagem jornalística. Os paradigmas da parcialidade e da objetividade. Formas de codificação da notícia: do nariz-de-cera ao *lead*. Jornalismo e construção da realidade. A rotinização da produção jornalística [...]”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, 2015, p. 1)¹⁵.

Segundo a ementa, “Gêneros do Jornalismo” refere-se à apresentação da tipologia textual da área: “[...] Os limites entre a informação, a interpretação e a opinião. Jornalismo informativo. Jornalismo interpretativo. Jornalismo Opinativo: A teoria e a prática. O comentário, o artigo, o editorial, a crônica, a coluna, a resenha, a crítica, a caricatura e a página do leitor. *Faits Divers*”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, 2014, p. 1)¹⁶.

Já a disciplina “Redação, Reportagem e Entrevista I” leva em conta, também, a entrevista jornalística, de acordo com sua ementa:

[...] Tipos de entrevista (da ritual à dialogal). Aprofundamento da entrevista enquanto método de apuração jornalística. Técnicas de pesquisa jornalística e análise de documentos. Como lidar com o *off*, a pergunta delicada, a revelação bombástica. A relação entre o jornalista e a fonte. A relação indissociável entre denúncia e comprovação. Noções de edição jornalística e uso de recursos editoriais. (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, 2016, p. 8-9)¹⁷.

O acesso a essas informações possibilitou a identificação dos docentes titulares das disciplinas, que serão contatados em breve para verificação de interesse de participação da pesquisa. A coleta de dados ocorrerá quanto ao conteúdo e à didática que professores de Jornalismo utilizam no ensino-aprendizagem do interesse público, mediante a realização de entrevistas em profundidade baseadas em questionários semiestruturados com roteiro-referência, interpretação de dados via Análise de

¹⁵ Disponível em: <<http://200.129.241.131/portalacademico/professor/plano-ensino/visualizar/codigoDisciplina/70400766/periodo/20151/turma/COM>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

¹⁶ Disponível: <<http://www.ufmt.br/ufmt/site/ensino/consultaPlanoEnsino/Cuiaba>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

¹⁷ Disponível: <http://www.aia.unemat.br/wp-content/uploads/ementa_disciplinas_cos_jor.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2016.

Conteúdo – especificamente a técnica de Análise de Enunciação – e organização das falas pelo método manual.

As questões-base tratam: da trajetória profissional que fez com que o entrevistado chegasse à condição de professor universitário de Jornalismo; de sua concepção sobre o que é jornalismo e a relação deste com a vida em sociedade; de sua visão sobre o ensino-aprendizagem do Jornalismo e a relação deste com a vida em sociedade; de sua conceituação de atividade pedagógica e do uso que faz dela na disciplina que ministra. As entrevistas serão gravadas e depois transcritas para facilitar a descrição e interpretação dos dados.

Optou-se pela Análise de Conteúdo por, segundo Bardin (2008, p. 40), constituir-se um aparato de técnicas e variáveis interpretativas voltadas à produzir “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas)” das mensagens em questão. E, dentro da Análise de Conteúdo, recorrendo à mesma autora (2008, p. 215), utilizou-se a Análise de Enunciação, técnica que “apoia-se numa concepção de comunicação como processo e não como dado” e que “funciona desviando-se das estruturas e dos elementos formais”, propicia à interpretação de dados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. Acredita-se que assim será possível obter inferências capazes, sobremaneira, de apontar o significado da atividade pedagógica no trabalho docente dos entrevistados.

5. Considerações

Compreende-se que a realização deste projeto de pesquisa corrobora com a discussão relativa à necessária reflexão que professores de Jornalismo devem fazer sobre a sua prática pedagógica na medida em que busca estreitar o contato da literatura científica da área com a da Educação. Esse processo de autoavaliação quanto à formação do universitário suscita a importância da formação contínua do docente e fortalece a perspectiva social do jornalismo.

Entende-se que a investigação tem potencial inovador ao focar na atividade pedagógica como uma instância capaz de contribuir com o ensino-aprendizagem, conectando o currículo ao chão da realidade concreta, pela contextualização sócio-histórica, escuta atenta ao estudante e uso da criatividade na formulação de dinâmicas, exercícios e experiências didáticas. E é nesse sentido que se pretende avançar para a

realização de um doutorado que pesquise uma amostra maior de disciplinas e professores no que tange à relação entre atividade pedagógica e ensino-aprendizagem do interesse público na formação de graduandos em Jornalismo.

6. Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Extra Coleção. Lisboa: Edições 70, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 09. set. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Câmara de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Jornalismo**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&Itemid=30192>. Acesso em: 28 ago. 2016.

CARÊS, Liliane Catty; TENTOR, Sônia Bastos. **Ambientes de aprendizagem**. Bauru: EUDSC, 2004.

FERNANDES, Cleoni. Formação do professor universitário: tarefa de quem? In: MASETTO, Marcos Tarcísio. (Org.). **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 1998.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Alpeh, 2008.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995.

KOVACH, Bill.; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo** – O que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo: Geração, 2004.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, Dirceu Fernandes. Uma pedagogia do jornal-laboratório. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna. (Org.). **Jornalismo-laboratório**: impressos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013.

MASETTO, Marcos Tarcísio. Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas. In: Castanho, Sérgio e Castanho, Maria Eugênia. **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. São Paulo: Papirus, 2001.

_____. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo. Summus, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir** – A função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

MORAES JÚNIOR, Enio. O ensino do interesse público na formação de jornalistas: elementos para a construção de uma pedagogia. São Paulo, 2011. **Tese** (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

SILVA, Marli Barboza; MARQUES, Rafael Rodrigues Lourenço; OLIVEIRA, Rosana Alves de. **Relatório final da comissão especial de transição do curso de graduação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat – para o campus de Tangará da Serra**. Mato Grosso, Unemat, 2016. 80 p.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas: Papirus, 2008.

VIZEU, Alfredo. Jornalismo e construção social da realidade. In: FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. (Org.). **Formação Superior em Jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO – Curso de Bacharelado de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo). Ementa de Gêneros do Jornalismo do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) da UFMT/Campus Cuiabá, 2014.

_____. Curso de Bacharelado de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo). Ementa de Produção de Notícias do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) da UFMT/Campus Araguaia, 2015.

_____. Curso de Bacharelado de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo). Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) da UFMT/Campus Cuiabá, 2009.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – Curso de Bacharelado de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo). Ementa de Redação, Reportagem e Entrevista I do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) da Unemat/Campus Alto Araguaia, 2016.

_____. Curso de Bacharelado de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo). Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) da Unemat/Campus Alto Araguaia, 2014.